



MONOGRAFIAS

1



---

## CONTEXTOS ESTRATIGRÁFICOS NA *LUSITANIA* (DO ALTO IMPÉRIO À ANTIGUIDADE TARDIA)

---

Coordenação de José Carlos Quaresma e João António Marques

# INTRODUÇÃO. UM ESTÍMULO AO ESTUDO DE CONTEXTOS

José Carlos Quaresma

Bolseiro de Pós-doutoramento FCT / Investigador do CIDEHUS (Un. Évora) e da UNIARQ (Un. Lisboa) / josecarlosquaresma@gmail.com

As actas que ora apresentamos são o resultado de um dia de apresentações num colóquio organizado no âmbito da Secção de História da Associação dos Arqueólogos Portugueses, a cujos órgãos sociais, e nomeadamente a João Marques, agradecemos a coordenação executiva do evento, realizado a 24 de Novembro de 2012, no auditório da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

Este colóquio foi, antes de mais, uma primeira chamada de atenção, no âmbito da Arqueologia Romana e Tardo-Antiga portuguesa do espaço lusitano, sobre a necessidade de trabalharmos cada vez mais, e sempre que possível, sobre dados estratigráficos, devidamente caracterizados, quantificados e ilustrados. Por essa razão, insistimos em que os trabalhos tivessem um fio condutor na sua metodologia de análise, tendo a estratigrafia como eixo estruturante, em faseamento ou em uma dada unidade seleccionada. A esse passo de escolha da base empírica seguia-se uma quantificação rigorosa, que usasse conceitos estatísticos de referência, como o número de fragmentos ou o número mínimo de indivíduos (num único caso deste encontro, é aplicada também a estimativa de equivalente de peça). O objectivo final era o de, com esta informação tratada, avaliar-se o comportamento tipológico e geo-económico dos materiais estudados em estratigrafia e com isso fornecer novas pistas sobre o comércio em território lusitano.

Embora apoiada em contextos estratigráficos, a investigação ceramológica que atravessou quase todo o século XX foi, como sabemos, eminentemente de índole morfológica e deu origem a uma série de tipologias que ainda hoje norteiam os nossos trabalhos. Sem sermos exaustivos e tocando apenas nas cerâmicas finas, recorde-se os trabalhos dos últimos 40 anos de Hayes (1972), Mayet (1984), *Atlante* (1981; 1985), Ettliger *et Al.* (1990), Mackensen (1993), Polak (2000) e Bonifay (2004), no que respeita à *terra sigillata*; de Mayet (1984) e do *Atlante* (1985), em relação às paredes finas; de Deneauve (1969), do *Atlante* (1981) ou de Bussièere (2000; 2007), no que às lucernas diz respeito. Com uma certa concentração na década de 1980, estes trabalhos produziram verdadeiras tipologias sólidas, ou contributos parciais, como o caso de Bonifay, em 2004, com uma plêiade de estudos de tipo, numa época em que a *terra sigillata* sudgálica é objecto da primeira quantificação estratigráfica em monografia respeitante ao centro produtor de La Graufesenque (Genin; *et Al.*, 2007).

A este quadro soma-se apresentações tipológicas sintéticas sobre uma vasta gama de produções, como o número 6 da revista *Lattara* (1993), ou sobre tipologias escolhidas, como em Fernández García (1998), ou em Roca Roumens e Fernández García (1999; 2005). Ao nível anfórico, merece cla-

ro destaque o projecto em curso para a catalogação de todos os tipos produzidos na Península Ibérica, *Amphorae ex Hispania*, da responsabilidade de R. Jarrega, do ICAC (<http://amphorae.icac.cat/>), sucedâneo do trabalho de Beltrán-Lloris (1970), e aos quais acresce os esforço mais generalistas como a obra de Beltrán-Lloris (1990), ou os recentes volumes de *Las Cerámicas Hispanorromanas* (Bernal; Ribera i Lacomba, 2008; 2012).

Nas últimas duas décadas, os esforços têm tido em linha de conta uma crescente problematização de contextos, com a percepção de que o monolitismo das grandes tipologias distorce muitas vezes as nuances temporais e geográficas da difusão comercial, bem como as diferenças entre as cronologias dos centros de consumos e as dos centros de produção. Esta visão tem sido desenvolvida com mestria por Reynolds, para as questões geo-económicas mediterrânicas, entre os séculos II e VII (Reynolds, 1995; 2010) e foi objecto de vários encontros temáticos, no intuito de recolher contextos estratigráficos de referência. A nível peninsular, como o publicado no número 2 da revista *Arqueo Mediterrània* (1997), em Roca Roumens e Revilla (2010), ou no projecto em curso, *Ex Officina Meridionali*, sob a direcção de I. Fernández García da Universidade de Granada; a nível mediterrânico, como o volume lançado por Cau Ontiveros, Reynolds e Bonifay (2011), sucedâneo a nível metodológico da monografia paradigmática sobre a Bolsa de Marselha (Bonifay; Carré; Rigoir, 1998).

Na faixa ocidental peninsular, um conjunto recente de trabalhos monográficos contribuiu para a quantificação dos consumos de *terra sigillata* e outras tipologias e seus comportamentos estratigráficos (Silva; Soares, 1993; Quaresma, 2012; Bustamante, 2013; Fernández Fernández, 2014), conformando um panorama bastante mais pobre do que o vivido nas últimas décadas na parte oriental da Península Ibérica, onde uma série de trabalhos tem dado à estampa quantificações crono-estratigráficas relevantes, tanto para o Alto-Império (por ex., Beltrán-Lloris; et Al., 1998), como para a Antiguidade Tardia (por ex., o número 15 da revista *Laietania*, em 2004).

Apesar de na última década a investigação europeia ter lançado vários trabalhos conjuntos de problematização estratigráfica, a investigação portuguesa tem talvez ficado um pouco à margem desta tendência. O intuito deste colóquio foi exactamente o de estimular a apresentação e o debate de realidades estratigráficas relevantes para as cronologias tipológicas e comerciais no espaço lusitano.

Nos capítulos deste volume, os vários autores discutem unidades estratigráficas ou faseamentos relativos às seguintes cronologias:

- Época augusta: Caladinho (Redondo)
- Época augusta: *Augusta Emerita*-Mérida, sector da Calle Almendralejo, nº 41
- 45/50 d.C.: *Olisipo*-Lisboa, sector Rua dos Remédios
- Final da 1ª met. do séc. I d.C.: Mileu (Guarda), fase Ia
- 60-100 d.C.: Mileu (Guarda), fase Ib
- Final do séc. I d.C. / inícios do séc. II: Mileu (Guarda), fase IIa
- 125-150 d.C.: Mileu (Guarda), fase IIb
- 125-150 d.C.: *Ammaia* (São Salvador de Aramenha, Marvão), enchimento da vala do estacionamento
- 150+ d.C.: Peniche/Morraçal da Ajuda, sondagem 14
- 235-250 d.C.: Quinta do Rouxinol, subfase 1.1
- 250-300 d.C.: Quinta do Rouxinol, subfase 1.2
- 300-350 d.C.: Quinta do Rouxinol, subfase 2.1
- 350-400 d.C.: Quinta do Rouxinol, subfase 2.2
- 400-425 d.C.: Quinta do Rouxinol, subfase 2.3
- 425+ d.C.: Quinta do Rouxinol, subfase 2.4
- c.425-450-c.525-550 d.C.: Crestuma (Vila Nova de Gaia), sector P15, fase tarde-antiga.

## BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (1981) – *Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche. I* (Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo. Medio e Tardo Impero). Roma.
- AA.VV. (1985) – *Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche. II* (Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo. Tardo Ellenismo e Primo Impero). Roma.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1970) – *Las ánforas romanas en España*. Zaragoza: Instituto Fernando el Católico.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1990) – *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza: Libros Pórtico.
- BERNAL CASASOLA, D.; RIBERA I LACOMBA, A., eds. (2008) – *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz: Universidad de Cádiz.
- BERNAL, D.; RIBERA I LACOMBA, A., eds. (2012) – *Cerámicas hispanorromanas. II (Producciones regionales)*. Cádiz: Universidad de Cádiz.
- BONIFAY, M. (2004) – *Études sur la céramiques romaine tardive d'Afrique*. Oxford (BAR International Series; 1301).
- BONIFAY, M.; CARRE, M.-B.; RIGOIR, Y., dirs. (1998) – *Fouilles à Marseille. Les Mobiliers (Ier-VIe siècles ap. J.-C.)*. Paris: Errance / Lattes: A. D.A.M. (Travaux du Centre Camille-Julian; 22 / Études Massaliètes; 5).
- BUSSIÈRE, J. (2000) – *Lampes antiques d'Algérie. (Monographies Instrumentum ; 16)*. Éditions Monique Mergoil.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. (2013) – *Terra Sigillata hispánica en Augusta Emérita (Mérida, Badajoz). Valoración tipocronológica a partir de los vertederos del subúrbio norte. (Anejos de Archivio Español de Arqueología; 65)*.
- CAU ONTIVEROS, M.; REYNOLDS, P.; BONIFAY, M., eds. (2011) – *Late Roman Pottery: solving problems of typology and chronology*. Archaeopress (RLAMP; 1).
- DENEAUVE, J. (1969) – *Lampes de Carthage*. Paris: CNRS.
- ETTLINGER, E.; et Al. (1990-2002) – *Conspectus formarum terrae sigillatae italico modo confectae*. Bonn: Dr. Rudolf Habelt GMBH (Materialien zur römisch-germanischen Keramik; Heft 10).
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, A. (2014) – *El comercio tardoantiguo (ss.IV-VII) en el Noroeste peninsular através del registro arqueológico de la Ría de Vigo*. Archaeopress (RLAMP; 5).
- FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998) – *Terra sigillata hispánica. Estado actual de la investigación*. Universidad de Jaén (Colección Martínez de Mazas. Serie Estudios).
- GENIN, M.; et Al. (2007) – *La Graufesenque (Millau, Aveyron). Vol. II (Sigillées lisses et autres productions)*. Aquitania: Éditions de la Fédération Aquitania.
- HAYES, J. W. (1972) – *Late roman pottery*. London: The British School at Rome.
- MACKENSEN, M. (1993) – *Die spätantiken Sigillata – und Lampentöpfereien von El Mahrine (Nordtunesien). Studien zur Nordafrikanischen Feinkeramik des 4. bis 7. Jahrhunderts (mit einem Beitrag von Sebastien Storz)*. 2 vols.. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung (Müncher Beiträge zur Vor- und Frühgeschichte; 50).
- MAYET, F. (1984) – *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion de Boccard. 2 vols.
- POLAK, M. (2000) – *South gaulish terra sigillata from Vechten. Nijmegen (Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta; supplementum 9)*.
- QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Lisboa: UNIARQ (Estudos e Memórias, 4).
- REYNOLDS, P. (1995) – *Trade in the Western Mediterranean. A.D. 400-700: the ceramic evidence (TEMPVS REPARATVUM / BARIS; 604)*.
- REYNOLDS, P. (2010) – *Hispania and the Roman Mediterranean. AD 100-700. Ceramics and trade*. London: Duckworth.
- ROCA ROUMENS, M.; REVILLA, V., eds. (2010) – *Contextos cerámicos de época augustea en el Mediterráneo occidental (12-13 de abril de 2007)*. Barcelona. Universidad de Barcelona/ICAC.
- ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) – *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Universidad de Jaén / Universidad de Málaga.
- ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (2005) – *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Málaga/Asociación Cultural CVDAS (Monográfico de CVDAS, Revista de Arqueología e Historia; nº 1).
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1993) – *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.